

O USO DO PREFIXO *DES-* NAS REDES SOCIAIS: A FORÇA CRIATIVA DOS NEOLOGISMOS

Joyce Geber PEREIRA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: *A presente pesquisa tem como objetivo fazer uma análise quantitativa e qualitativa do afixo “des-” empregado junto a nomes, adjetivos e verbos, com foco nos usos em ambientes virtuais conhecidos como redes sociais, principalmente na plataforma de textos curtos Bluesky. Novas palavras vêm surgindo por meio de derivação prefixal, a citar como exemplo o neologismo “desonline”, e também novos significados vêm sendo acrescentados a palavras já dicionarizadas, como no caso da palavra “descomer”. Serão observados os contextos de uso, tendo em vista fatores discursivos, a fim de determinar se há intenção humorística no emprego de determinadas construções. O interesse no tema surgiu da observação dos fenômenos nas redes sociais e da necessidade de fazer um mapeamento do uso na escrita em ambientes virtuais e prover mais dados sobre o tema. Discutiremos os fatores sócio-pragmáticos, tendo como base o território virtual, que influenciam nas escolhas lexicais e estimulam a formação de novas palavras. Pretende-se também analisar se há correlação entre o uso do afixo “des-” como uma forma de tradução direta do prefixo “un-”, advindo da língua inglesa.*

PALAVRAS-CHAVE: *Linguística Cognitiva; prefixo “des-”; redes sociais.*

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo coletar e analisar dados de usos recentes de construções de palavras nas redes sociais que utilizam o afixo “des-”, que indica sentidos como negação ou falta, como em “desdentado”, e fazer uma análise quantitativa e qualitativa dos usos, além de observar as motivações do emprego e os contextos que estimulam a criação de novas palavras por meio dessa derivação prefixal.

O interesse no tema nasceu da observação de um fenômeno recente envolvendo a formação de novas palavras no português brasileiro por meio da derivação prefixal envolvendo o afixo “des-”, juntamente com a atribuição de novos significados a palavras já existentes e dicionarizadas, como em “descomer”, e se justifica também pela necessidade de analisar e registrar as novas palavras e os novos usos. Baseia-se teoricamente na visão de Labov sobre variação inerente e contextos comunicativos (cf. LABOV, 2008), e também na visão de Marcuschi sobre gêneros textuais (cf. MARCUSCHI, 2003) para a delimitação do gênero literário digital tweet, que, segundo Almeida, Azevedo e Pereira (2019), comporta formas híbridas de linguagem.

Pretende-se também, de forma secundária, investigar os contextos de uso a fim de determinar se há ou não intenção humorística por trás da construção, e também verificar se há correlação entre o uso do prefixo e um possível empréstimo linguístico com origens na língua inglesa relacionado ao afixo “un-”. O interesse no tema se justifica pela necessidade de investigar alguns fenômenos atuais que ainda não foram suficientemente estudados anteriormente. Conforme destacado por Pereira (2020, p. 12), as combinações do prefixo “des-” com substantivos são pouco estudadas e por vezes ignoradas, resultando em uma menor quantidade de trabalhos que se propõem a analisar as construções “des- + substantivos”. Os dados de uso que serão estudados na presente pesquisa envolvem as construções do afixo “des-” somados a verbos no infinitivo, adjetivos e também substantivos. Além disso, a pesquisa visa também compreender a motivação por trás do

crescente uso das construções aqui citadas em ambientes virtuais, que resultam, muitas vezes, na criação de novas palavras que não estão dicionarizadas. Como exemplo, podemos citar a escolha de utilizar a palavra “despeitado”, uma construção inédita, em vez da palavra “despeitado”, que já se encontra dicionarizada, e também a construção “desonline”, em lugar de “offline”, um estrangeirismo que já foi incorporado ao idioma e tem seu uso consolidado atualmente. Sendo assim, há a necessidade de uma investigação mais profunda do tema.

As metas da pesquisa são as seguintes:

1. Identificar os usos recentes do afixo “des-” no ambiente virtual, as novas palavras criadas pelo uso da partícula e a atribuição de novos sentidos a palavras já dicionarizadas;
2. Comprovar se os usos são motivados por fatores humorísticos ou por outros fatores;
3. Averiguar se há interferência de fatores externos à língua, como, por exemplo, burlar os algoritmos;
4. Analisar se há relação entre o uso do determinado afixo com a importação de anglicismos.

O trabalho se encontra dividido em três partes principais, além desta introdução e das considerações finais. Na sequência, abordamos a metodologia utilizada na recolha dos dados que constituem nosso corpus. Logo após, fazemos referência a alguns trabalhos sobre o prefixo em análise e também aos aportes teóricos usados na análise dos dados, feita logo após. Nossa análise prioriza as capturas de tela em que os dados aparecem justamente porque pretendemos descrever o contexto sócio-pragmático no qual as novas formações ocorrem, analisando também as referências visuais presentes. Como resultados esperados, pretendemos contribuir para um maior conhecimento sobre os usos recentes da língua e o seu comportamento no mundo virtual, além de tornar possível determinar se os usos mais recentes no ambiente virtual estão motivados pelo humor e por outros fatores como censura. Outro resultado esperado é esclarecer se as criações derivacionais estão relacionadas a possíveis anglicismos.

1. METODOLOGIA

O presente trabalho se propõe a ser uma pesquisa descritiva, utilizando do método estatístico para quantificar os dados coletados. Para dar conta da análise qualitativa, pretende-se utilizar também o método observacional para verificar os usos e poder fazer constatações com base nas informações presentes.

O corpus utilizado nesta pesquisa contém uma amostra de textos coletados da rede social Bluesky, acessível tanto por meio de computadores através do site (bsky.app) quanto por meio de aplicativo de celular. Os dados foram coletados por meio de busca avançada disponível dentro da própria rede. As amostras foram selecionadas com base em localização, focando apenas em usuários brasileiros, e não discriminam gênero. Em relação à idade, qualquer pessoa acima de 13 anos pode se tornar um usuário da rede. Embora a plataforma seja mais popular entre o demográfico que abrange os adolescentes e jovens adultos, não há restrições de limite de idade.

As variáveis que serão estratificadas na análise são: a) a classe de palavras que recebem o prefixo (verbo, substantivo ou adjetivo); b) a pretensa intenção do informante; c) a situação comunicativa; d) os fatores sócio-pragmáticos.

O uso do prefixo *des-* nas redes sociais: a força criativa dos neologismos

2.1 Origem e ascensão do Bluesky

A rede social Bluesky é uma plataforma de código aberto orientada primariamente para textos curtos de até 300 caracteres. Foi criada em 2019 pelo americano Jack Dorsey, cofundador e então CEO da antiga rede social Twitter, comprada por outro CEO em 2022 e posteriormente renomeada para X. A plataforma Bluesky teve seu lançamento em fevereiro de 2023, primeiramente como um serviço que trabalhava na base de convites, ou seja, apenas pessoas convidadas por usuários já cadastrados poderiam criar contas. Em fevereiro do ano seguinte, em 2024, tornou-se aberta ao público geral.

Em novembro de 2024, foi decretado o bloqueio da rede social Twitter/X pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes, em decorrência da insubordinação por parte do bilionário dono da plataforma, que se recusou a obedecer a legislação brasileira e nomear um representante legal em solo brasileiro. A plataforma estadunidense foi bloqueada no Brasil no dia 31 de agosto de 2024 e permaneceu bloqueada por 39 dias, causando um grande êxodo dos usuários brasileiros para a rede social Bluesky, uma vez que também era voltada para textos curtos e compartilhava do mesmo criador da rede social que até então as pessoas tanto gostavam e se identificavam. Dessa forma, em setembro de 2024, a plataforma atingiu o marco de 10 milhões de usuários, sendo uma porcentagem considerável formada por brasileiros que migraram de rede, e cativou os novos usuários de tal maneira que uma quantidade considerável de pessoas permaneceu na rede mesmo após o desbloqueio do Twitter/X decretado pela justiça brasileira. Posto isto, os dados coletados para o presente trabalho datam a partir de fevereiro de 2023 até setembro de 2025, ano de realização desta pesquisa. Sendo assim, são dados muito recentes que avaliam um uso atual da língua no ambiente digital.

2.2 O gênero discursivo tweet

Com o advento da plataforma Twitter no ano de 2006, originalmente baseada em textos curtos com limites de caracteres (primeiramente 140 caracteres e posteriormente aumentado para 280), surgiu-se o gênero digital tweet. Azevedo, Pereira e Ayres (2021, p. 1139) definem tweet como “um gênero discursivo digital flexível, visto que há espaço para a manifestação da individualidade de quem o produz.”. Adicionalmente, também comprovam que o estilo é um elemento multissemiótico que utiliza de vários recursos extratextuais para compor a mensagem e ainda acrescentam: “É importante salientar que o uso dessas unidades só é possível porque o suporte Twitter oferece as opções de adicionar hashtags, links – mostrando uma prévia de seu conteúdo –, GIFs, imagens, vídeos, entre outras possibilidades.” (2021, p. 1138).

A plataforma Bluesky compartilha das mesmas funcionalidades presentes na plataforma outrora chamada de Twitter: ambas dispõem de recursos como imagens, vídeos, gifs, links, hashtags, além de recursos como criação de threads e interação com outros usuários. Como resultado de compartilharem do mesmo cofundador, o design de ambas plataformas é extremamente similar, de maneira que tais recursos mencionados se apresentam visualmente de forma quase idêntica entre uma rede social e outra. A plataforma Bluesky também possui limite de caracteres, permitindo apenas 300 caracteres por postagem, assim como foi consolidado por muitos anos na sua plataforma precursora, ademais de também ter herdado um número gigantesco de usuários advindos da plataforma Twitter. Sendo assim, o gênero discursivo que predomina também pode ser chamado de tweet – e assim será feito ao longo deste trabalho.

Joyce Geber PEREIRA

Segundo Azevedo, Pereira e Ayres (2021, p. 1138), “[...] o conteúdo temático do gênero tweet, que motiva as escolhas estilísticas e composicionais do enunciado, é baseado 12 nas particularidades do usuário que o publica.”. Há, na plataforma, diversos tipos de perfis, cada um contendo seu próprio público-alvo e exercendo influência na escolha da linguagem utilizada. O perfil oficial de um jornal, por exemplo, está na plataforma representando uma empresa e, naturalmente, o conteúdo temático das publicações será voltado para notícias jornalísticas e será utilizado um registro de linguagem mais formal. Já o perfil de uma pessoa comum que utiliza a plataforma para interagir com os próprios amigos, representando a si mesmo e não um CNPJ, pode utilizar um registro mais coloquial e o conteúdo das postagens dependerá exclusivamente dos seus gostos e interesses pessoais.

É importante também observar que, por consequência de sua natureza multissemiótica, há neste gênero bastante ocorrência de intertextualidade, com frequentes referências a outras situações e memes populares na plataforma. Sendo assim, para conseguir compreender o discurso de um tweet em sua totalidade é necessário estar imerso no ambiente e antenado nas referências utilizadas.

2.3 Amostras coletadas

Foi recolhido no *corpus* um total de 301 exemplos de uso envolvendo construções lexicais com o afixo “des-”. A tabela abaixo ilustra cada construção e quantas vezes aparecem nos materiais coletados

CONSTRUÇÃO	USOS
desviver	30
desler	58
desver	30
desouvir	7
descomer	30
desquerido	26
desquerida	26
desfeliz	8
desestudar	3
desestudo	2
desonline	70
despeitudo	2
despeituda	7
despeitudas	2

O uso do prefixo *des-* nas redes sociais: a força criativa dos neologismos

Dentre os exemplos coletados, estão presentes as seguintes construções lexicais: prefixo “des-” + verbos no infinitivo; “des-” + adjetivos; e “des-” + substantivos. É importante destacar que as amostras coletadas representam apenas uma fração dos usos detectados, principalmente no que tange às construções des + verbo — estas são mais abundantes. A plataforma conta atualmente com mais de 38 milhões de usuários e os dados foram colhidos manualmente. A rede é de código aberto: todas as postagens feitas são públicas e acessíveis por qualquer pessoa que tenha criado uma conta. As amostras coletadas são de usuários brasileiros a partir dos 13 anos de idade e não distinguem gênero. Os dados foram colhidos de perfis de usuários comuns que representam a si mesmos. Algumas das situações de uso coletadas envolvem interações com outros usuários, enquanto outras são provenientes de postagens individuais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, serão analisadas as pesquisas anteriores de diversos autores relacionadas ao prefixo “des-”, a fim de fundamentar e exemplificar as diferentes visões de autores em relação ao afixo. Em um primeiro momento, serão expostas as visões de alguns autores que integram a chamada gramática tradicional, como Bechara (2009), Cunha & Cintra (2013) e Rocha Lima (2011). As análises serão complementadas através do olhar crítico de Pereira (2020) e seguindo também a trajetória histórica do afixo relatada por Santos (2020).

2.1 Gramáticas tradicionais

Bechara (2009, p. 366) define os prefixos de(s)- e di(s)- como variantes e atribui a eles os seguintes sentidos: negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação e intensidade. No entanto, Pereira (2020) expõe as problemáticas desta classificação:

[...] sua categorização é problemática uma vez que não possui o interesse de determinar quais das variantes possui o referido sentido ou se as acepções são as mesmas para cada forma. Essa última proposta não parece ser o caso visto que o gramático não disponibiliza exemplificações de cada acepção para as duas variantes. Seria, então, neste caso, o traço semântico de “negação” próprio à variante des- ou dis-? Tal opacidade nas proposições dificulta a compreensão da descrição do fenômeno linguístico. (Pereira, 2020, p. 17)

Pereira (2020, p. 18) segue expondo o caráter questionável das classificações atribuídas pelo gramático:

Bechara propõe ainda outro prefixo de- possuindo outras 4 acepções (movimento para baixo, separação, intensidade, negação), com os seguintes exemplos: “depenar”, “decompor”, “decair”. Entretanto, essas acepções são problemáticas uma vez que o prefixo des- também possui caráter de intensidade e, até mesmo, expressivo.

Bechara (2009) afirma que os prefixos não servem para determinar uma nova categoria gramatical e estabelece ainda que os prefixos em geral se agregam a verbos ou a adjetivos, sendo menos frequentemente ligados a substantivos. O gramático defende que as

15 construções des-X são deverbais em sua maioria e exemplifica citando a criação lexical des + empate, um regressivo de desempatar.

Para Cunha & Cintra (2013), os prefixos “des-” e “dis-” têm características diferentes. Nesta visão, “des-” teria acepção de separação e ação contrária, enquanto “dis-” teria acepção de separação, movimento para diversos lados e negação. São citadas como exemplos as construções desviar e desfazer para “des-”, dissidente e distender para “dis-”. Nota-se que na visão de Cunha & Cintra o prefixo “des-” não possui atribuição de negação, fato este que foi posto em discussão por Pereira (2020, p. 18) ao afirmar que o afixo de fato possui o sentido de negação, exemplificando com as construções “desleal”, “desafinado” e “descompromissado”.

Rocha Lima (2011) corrobora com a visão de Cunha & Cintra (2013) de que os prefixos “des-” e “dis-” representam formas diferentes entre si. Para o prefixo “des-”, são atribuídos os sentidos de separação, privação, ação contrária e negação, enquanto “dis-” teria o sentido de movimento para diversos lados e ação contrária. O gramático Rocha Lima determina o sentido de negação para o prefixo “des-”, citando desumano como exemplo desta acepção.

Santos (2020, p. 168), ao discorrer sobre a origem histórica do prefixo, afirma o afixo “des-” surgiu gradativamente como uma inovação neolatina:

O elemento formativo “de-”, por sua vez, designava já em latim separação, afastamento, cessação, negação e intensidade, podendo também aparecer como reforço para renovar uma forma em desuso (Torrinha, 1945). Em sua passagem para o português, o prefixo conservou todos os significados arrolados acima, todavia, sem possuir a produtividade vista na língua clássica. Supõe-se que, pelo fato de “de” ter se confirmado como preposição, seu uso como prefixo tenha perdido vitalidade. Assim, gradativamente, foi suplantado pela forma inovadora “des-” em formações no português.

Sendo assim, é possível constatar que o afixo mencionado carrega consigo diferentes sentidos que foram mantidos mesmo após a transformação do latim para a língua portuguesa.

2.2 Abordagens linguísticas

O artigo de Pereira (2020) faz uma excelente revisão da literatura sobre o prefixo “des-”, aludindo a autores que, em diversas linhas teóricas teceram considerações sobre essa unidade morfológica. No âmbito da Gramática Gerativa, discorre sobre os trabalhos de Oliveira (2004), Silva & Miotto (2009), Medeiros (2010) e, sobretudo, De Bona & Ribeiro (2018), o mais recente nessa perspectiva teórica. A seguinte citação sumariza a ideia dos gerativistas sobre o prefixo:

De Bona & Ribeiro viabilizam uma outra alternativa a qual estabelece que os verbos de estados e alguns verbos de ação disparam a mesma noção semântica que um adjetivo, que seria uma negação. Por esta razão, não é válido pressupor que as noções de reversões e negações estão automaticamente associadas às categorias dos verbos e dos adjetivos, respectivamente, uma vez que é necessário, primeiramente, analisar a semântica da palavra base. Com base nestas proposições, os linguistas De Bona & Ribeiro determinam que a postulação da existência de dois prefixos “des-”

O uso do prefixo *des-* nas redes sociais: a força criativa dos neologismos

homófonos perde a credibilidade visto que o sentido do prefixo não é necessariamente diferente quando a categoria gramatical não é a mesma. (Pereira, 2020, p. 21)

A seguinte citação ao trabalho de Medeiros, na esteira da Morfologia Distribuída, remete justamente a um conjunto de dados sobre os quais nos debruçamos neste trabalho, pois o autor os considera agramaticais:

Objetivando enfatizar suas proposições de que o prefixo “des-” não nega ou inverte um processo, Medeiros explica que verbos típicos que denotam atividade não o aceitam, ainda que haja um ponto final para as ações executadas. Por esta razão, não há possibilidade de construir verbos como *descorrer (dois metros), *destrabalhar (até o fim de semana), *desdançar (o música), *despular (a cerca), *desgritar (o seu nome) *desfalar (a promessa) e assim por diante. (Pereira, 2020, p. 23)

Tais verbos não implicam, pelo menos não de maneira óbvia, mudança de estado de seu participante (agente), e, portanto, não servem de base para uma derivação que envolva tal prefixo. (Medeiros, 2010, p. 98).

Nosso aporte teórico, como dissemos anteriormente, é bem diferente dos demais. Assumimos a Linguística Cognitiva, de uma forma geral, e alguns dos fenômenos por ela abordados, o que faremos na próxima seção.

3. A LINGUÍSTICA COGNITIVA

Nesta seção, serão apresentados os conceitos da linguística cognitiva presentes na obra de Lilian Ferrari (2011) que servirão de fundamento para o estudo. Na obra *Introdução à Linguística Cognitiva*, de 2011, a linguista Lilian Ferrari estabelece que a linguística cognitiva (LC) adota uma perspectiva de língua baseada no uso, de maneira que a construção do significado é orientada pelo contexto.

Ferrari (2011, p. 16) afirma que o modelo de dicionário é restringido ao domínio da aplicação da semântica lexical e pouco se importa com a aplicação pragmática e o conhecimento do mundo. A autora problematiza esta divisão rígida e apresenta a visão da linguística cognitiva:

A LC questiona a afirmação de que o significado pode ser definido de modo independente do contexto, reunindo um conjunto significativo de evidências de que as palavras são interpretadas em relação a estruturas de conhecimento esquemáticas (frames) ou domínios de experiência (Fillmore, 1975, 1977, 1982; Langacker, 1987). Portanto, a divisão do significado linguístico em semântica (significado independente do contexto) e pragmática (significado dependente do contexto) é considerada problemática.

Sendo assim, para a linguística cognitiva, o contexto de uso é essencial para poder entender e atribuir significado aos termos. Ferrari (2011, p. 25) afirma que afixos possuem características polissêmicas e exemplifica citando resultados de estudos do caso do sufixo aumentativo “-ão”, em que o sufixo exibe diferentes sentidos em contextos distintos: quantidade no caso de “pratao”; intensidade no caso de “tapão”; iteratividade/pejoratividade no caso de “pidão”; tamanho avantajado no caso de “bigodão”; avaliação positiva no caso de “filmão”.

Ferrari (2011, p. 43) estabelece que os indivíduos representam certas propriedades categoriais de forma diferente a depender do contexto. Para ilustrar, cita as sentenças “Eles decidiram enfeitar a árvore de Natal” e “A brisa balançava as árvores na orla baiana”. Apesar de ambas utilizarem o conceito de árvore, cada uma evoca uma imagem mental diferente para o termo: no contexto natalino, é mais provável que o falante imagine um pinheiro, enquanto no contexto da orla baiana é mais provável imaginar coqueiros.

A autora trata também de definir o que seria contexto, estabelecendo que está relacionado ao contexto linguístico e contexto social. Para explicar o contexto linguístico, três aspectos são atribuídos:

- (i) discurso precedente – aquilo que foi dito imediatamente antes do termo em foco. (ii) ambiente linguístico imediato – a expressão ou frase em que o termo ocorre. É o ambiente linguístico imediato que possibilita interpretações diferentes para o mesmo vocábulo – a compreensão da palavra manga de formas distintas em “O menino comeu a manga” e “A manga da camisa está manchada”, por exemplo. (iii) tipo de discurso – o gênero textual (poema, romance, livro didático, carta pessoal, conversação entre amigos etc.); o registro (formal ou informal) e o campo discursivo (legal, eclesiástico, político etc.) de ocorrência do termo. (Ferrari, 2011, p. 44)

O contexto social, por sua vez, “[...] reflete o tipo de situação em que os participantes estão imersos e as relações sociais estabelecidas entre eles (incluindo relações de poder).” (Ferrari, 2011, p. 44). Desta forma, é reconhecida a importância de analisar o discurso precedente, o ambiente linguístico e as variáveis que podem atuar e estabelecer os diferentes sentidos, como o gênero textual, o registro da fala e as relações sociais compreendidas entre os falantes.

No capítulo Gramática Cognitiva, Ferrari (2011, p. 59-86) aborda os modelos convergentes de Langacker e Talmy para detalhar o processo cognitivo de perspectivização. Para este fim, destaca os conceitos de domínio, proeminência, perspectiva, subjetividade e intersubjetividade, dinâmica de forças e esquema imagético. O domínio seria o contexto de categorização da unidade semântica, tendo os domínios mais básicos estreita ligação com a experiência corporal: espaço, visão, temperatura, paladar, pressão, dor e cor. A proeminência diz respeito à posição e importância do termo na sentença, onde no exemplo “João viu um animal na estrada” coloca “João” como figura mais proeminente. Transformando a sentença para “O animal que estava na estrada foi visto por João”, “animal” passaria a ser mais proeminente e “João” menos proeminente. Já a perspectiva parte do pressuposto do ponto de vantagem e normalmente está relacionada à localização do falante. Sendo assim, o falante adota ou determina o ponto de vantagem. Ambas sentenças “João comprou um carro de Maria” e “Maria vendeu um carro para João” retratam o mesmo evento, mas através de pontos de vista diferentes.

A (inter)subjetividade, noção mais cara a este trabalho, parte do pressuposto de um polo subjetivo e um objetivo. Dessa forma, as expressões mais objetivas seriam aquelas que demandam um número menor de inferências para construir um significado, enquanto as expressões mais subjetivas demandam um número maior de inferências e marcadores explícitos da atitude do falante perante ao ouvinte, como marcadores de polidez, por exemplo. A dinâmica de forças envolve as diferentes forças que atuam sob um evento, sendo o exemplo “O livro está na mesa” uma concepção neutra e estática do evento, enquanto que

O uso do prefixo *des-* nas redes sociais: a força criativa dos neologismos

a situação “O livro manteve-se na estante” implica que houve uma resistência perante a aplicação de alguma força contra o livro como, por exemplo, um terremoto. Os esquemas imagéticos são conceitos abstratos que representam as experiências dos seres em interação com o mundo, sendo resumidos em: espaço, escala, contêiner, força, unidade, multiplicidade, identidade e existência. Assim sendo, todos esses conceitos agem em conjunto para criar a perspectiva do significado de um discurso.

Santos e Souza (2013, p. 313) definem perspectivização para a linguística cognitiva: “[...] esse conceito de perspectivização refere-se ao fato de que o significado não é somente uma reflexão direta do mundo, mas sim uma forma de se ver e construir a realidade de acordo com uma perspectiva em particular.”. Posto isto, é importante analisar a situação como um todo e não apenas palavras soltas. É o que faremos a seguir, na análise de nosso corpus.

3. USOS CONTEMPORÂNEOS DO PREFIXO *DES-*

Pereira (2020) defende que o afixo “des-” é polissêmico e que o sentido assumido pelo prefixo na língua é altamente influenciado pelo contexto, sendo possível apresentar diferentes sentidos de acordo com a situação de uso, indo de encontro com a visão da LC, descrita no capítulo precedente. Vemos que alguns usos contemporâneos do afixo, principalmente quando conectados a verbos, estão fortemente relacionados a ações que são irreversíveis — como, por exemplo, “desler”, “desver”, “desouvir” —, logo, ainda carecem de compreensão e explicação por parte das gramáticas.

Os dicionários não dão conta de explicar completamente os novos usos e as diversas possibilidades de contextos em que o afixo pode estar inserido: “[...] os dicionários tradicionais não costumam fazer referência ao contexto de uso como um elemento determinante para a aceitação que será desempenhada pelo prefixo.” (Pereira, 2020, p. 72)

Silva (2023, p. 9) analisa o caso das construções verbais “desver” e “desler” e afirma que a analogia é uma das forças que atuam no processo de criação lexical:

Ela permitiria que um padrão já existente na língua — a construção hipotética [des[VPROCESSUAL]] —, que inicialmente seria preenchida somente com itens que expressem processo reversível, poderia ser também constituída de verbos que não tenham essa propriedade semântica. Assim, corrobora-se a hipótese inicial de que a analogia seria responsável pela expansão do escopo semântico da construção em análise e exerceria papel indispensável na criatividade linguística dos falantes, o que resultaria também no enriquecimento do léxico da língua através da ampliação do repertório de construções.

Há, também, a forte presença de neologismos, seja atribuindo novos sentidos a palavras já existentes, quanto criando novas palavras através da junção de estruturas — sejam elas parte da língua materna ou não. É possível observar esse fenômeno com clareza no caso de “desonline”, em que é feita a junção do prefixo de língua portuguesa “des-” com a palavra advinda da língua inglesa “online”.

Nesta parte da pesquisa, serão analisados alguns usos contemporâneos e as hipóteses, divididos em três etapas: primeiramente será falado sobre o teor humorístico, depois será versado sobre censura algorítmica e, posteriormente, será discutida a possibilidade de haver empréstimo linguístico advindo da língua inglesa. Serão também analisados os contextos de uso e será investigado se há ocorrência de forças externas à língua no processo de criação lexical.

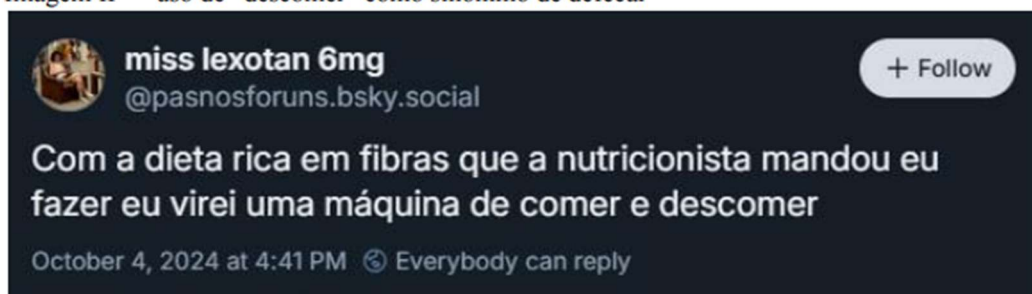
4.1 Teor humorístico

Na célebre peça de Ariano Suassuna, *O Auto da Compadecida*, há uma história sobre um gato que supostamente “descome” dinheiro. Neste contexto, a palavra foi escolhida como sinônimo de defecar, em uma tentativa por parte do João Grilo de suavizar a ação e convencer a mulher a comprar o gato que ele estava vendendo, provendo assim um efeito humorístico e ajudando a compor o gênero tão característico da obra.

A peça, escrita pelo grande intelectual Suassuna em 1956, nos comprova que a utilização do afixo “des-” para fins humorísticos não é algo tão inédito na nossa língua, e a construção lexical “descomer” já é identificada em dicionários online como o Dicio e tem registro no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), significando “vomitar”.

No entanto, a língua é viva e a cada dia que passa se transforma cada vez mais, proporcionando novos usos e também novos sentidos. Na plataforma Bluesky, também foram encontrados usos atuais da construção verbal “descomer”, porém com três principais significados: 1) com o sentido de defecar, tal qual na obra de Suassuna; 2) com o sentido de vomitar; e 3) com o sentido de reverter uma relação sexual. Segue, a seguir, um exemplo do primeiro sentido, como sinônimo de “defecar”:

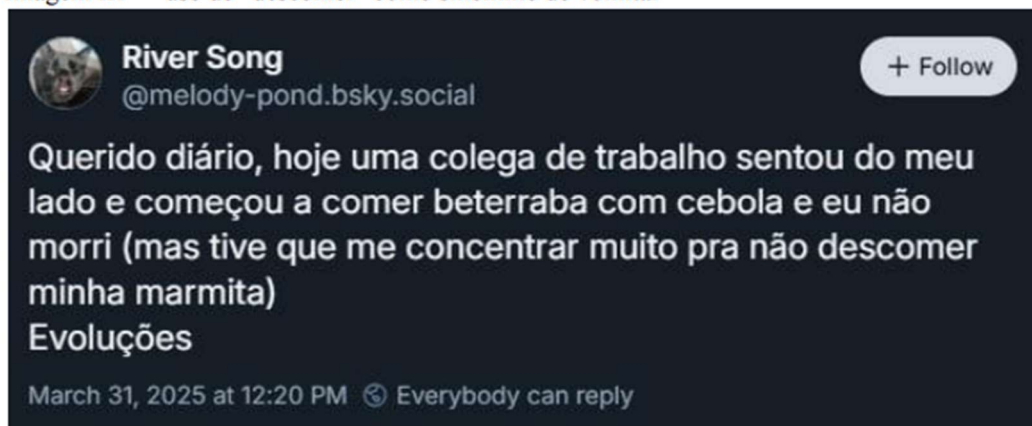
Imagem II — uso de “descomer” como sinônimo de defecar



Fonte: Bluesky (<https://bsky.app/profile/pasnosforuns.bsky.social/post/3l5pjicyvkn2o>)

Já sobre o segundo sentido, como sinônimo de “vomitar”, temos o seguinte exemplo:

Imagem III — uso de “descomer” como sinônimo de vomitar



Fonte: Bluesky (<https://bsky.app/profile/melody-pond.bsky.social/post/3llonuy1fa225>)

O terceiro sentido, de reversão de um ato sexual, nos traz exemplos como o seguinte:

O uso do prefixo *des-* nas redes sociais: a força criativa dos neologismos

Quadro 2. Principais diferenças entre composição e derivação.

Imagem IV — uso de “descomer” com o sentido de reverter uma relação sexual



Fonte: Bluesky (<https://bsky.app/profile/gasparkina.bsky.social/post/3l3dvhbkwwk2q>)

Isto posto, podemos identificar que, apesar de já haver ocorrência da construção “descomer”, anteriormente na literatura e até mesmo em dicionários, usos inéditos da palavra foram identificados na rede social contendo novos sentidos. No segundo exemplo, o usuário discorre sobre suas questões alimentares e nota-se que há intenção de suavizar a ação, sendo assim, o afixo foi utilizado como eufemismo. Já no primeiro e no terceiro 23 exemplos, os usos reforçam claramente a intenção humorística por trás da escolha de palavras. Tais exemplos também reforçam a polissemia do prefixo “des-”, uma vez que a mesma construção assume outros significados a depender do contexto de uso e também da acepção focalizada por “comer”.

No que diz respeito à construções inéditas, foram identificados usos da construção “despeitudo(a)” em vez da palavra já dicionarizada “despeitado(a)”.

Imagem V — uso da construção “despeitada”



Fonte: Bluesky (<https://bsky.app/profile/psicosurto.woke.cat/post/3l5ypgewfrd2c>)

Oliveira (2018, p. 64) afirma que “Tudo o que dizemos é, partindo da assertiva de Volochínov, resultado dos processos de influências e interações dos membros de uma comunidade”. Para entender completamente o conteúdo do diálogo da interação entre usuários da imagem acima, é fundamental captar a intertextualidade e as influências presentes. O perfil @psicosurto.woke.cat fez um comentário referenciando um meme popular que circula na plataforma, que consiste em uma imagem de um emoji com traços feminilizados e exagerados, e um par de seios com os dizeres “peituda metida” escritos na parte inferior.

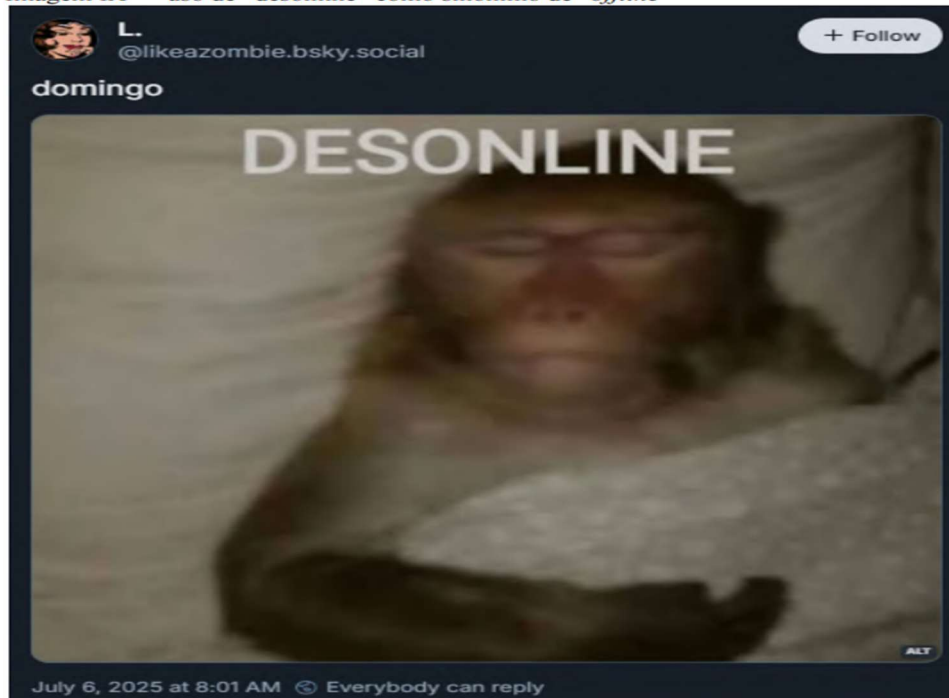
Dessa maneira, em uma brincadeira entre amigos, escolheu acrescentar o afixo “des-” ao adjetivo “peituda” presente no meme para se referir a uma mulher com seios pequenos. No dicionário online de Português, chamado Dicio, o adjetivo “despeitado” possui várias definições, dentre elas um uso informal e pejorativo: “mulher com seio muito pequeno”. No entanto, a construção “despeitudo” não existe em nenhum dicionário. Nota-se que a escolha

Joyce Geber PEREIRA

do usuário de utilizar a construção lexical “despeitada” em vez de utilizar o adjetivo “despeitada”, que tem seu uso coloquial já consolidado com o mesmo sentido, é certamente motivada tanto por fatores intertextuais quanto para prover um efeito cômico.

Ainda no tema sobre construções inéditas frente a palavras já presentes na nossa língua, foram identificadas criações como “desonline” apesar de já existir uma palavra com o mesmo sentido, offline, empréstimo linguístico já amplamente utilizado e dicionarizado, presente inclusive no VOLP.

Imagem IX — uso de “desonline” como sinônimo de “offline”



Fonte: Bluesky (<https://bsky.app/profile/likeazombie.bsky.social/post/3lte4n3tezs2b>)

Na imagem acima, o usuário postou um meme de um macaco dormindo, envolto em um cobertor, com o neologismo “desonline” escrito na parte superior, indicando uma ação que é realizada no domingo. Trata-se de uma construção inédita que não está presente nos dicionários. Ao analisar o sentido por trás, observa-se que é feita uma analogia entre o termo “desonline” para indicar o ato de dormir ou descansar, retratando essencialmente alguém que está desligado das redes sociais e do mundo digital. Com o uso do meme, nota-se claramente que há motivação cômica por trás da construção inédita. Assim sendo, conclui-se que parte das novas criações está de fato motivada por fatores humorísticos ou então por um desejo de eufemizar o discurso.

4.2 Censura algorítmica

As redes sociais são, em sua realidade, plataformas criadas por empresas privadas. Sendo assim, as diretrizes das redes sociais são definidas e estabelecidas pelas respectivas empresas. Muitas redes operam em conjunto com algoritmos que detectam o uso de certas palavras pré-estabelecidas pela empresa, com a finalidade de detectar discursos considerados nocivos e, dessa maneira, eliminar as publicações contendo as palavras em questão, culminando algumas vezes até mesmo no banimento dos perfis que utilizam o vocabulário que foi por elas proibido.

O uso do prefixo *des-* nas redes sociais: a força criativa dos neologismos

Dentre o léxico censurado se encontram substantivos e verbos como “(se) matar”, “morte”, “abusar”, “abuso”, “suicídio”, entre muitas outras, juntamente com seus derivados e conjugações. Dessa forma, muitos usuários adotam estratégias para burlar o algoritmo e poderem falar sobre os mais diversos assuntos sem terem suas contas banidas ou bloqueadas. Algumas optam por utilizar as mesmas palavras com algum tipo de censura, como, por exemplo, “@bus0” em vez de “abuso” — é comum o uso tanto de números quanto de caracteres especiais. Outras adotam o uso de novas estruturas através de recursos como afixos, como, por exemplo, a palavra “desviver”, que pode ser utilizada para indicar morte bem como suicídio também. O fato de muitas novas estruturas não estarem presentes nos grandes dicionários faz com que, consequentemente, não estejam presentes nas listas de palavras que podem ser identificadas e proibidas pelos algoritmos.

O exemplo a seguir retrata uma interação entre dois usuários do Bluesky, cada um reescrevendo um excerto utilizando um dos tipos de censura mencionados anteriormente:

Imagem X — uso de “desviver” como sinônimo de morte



Fonte: Bluesky (<https://bsky.app/profile/horsegirl.bsky.social/post/3l5g2px5ni72o>)

O primeiro usuário, @didi.is.camp, fez uma piada relacionando um excerto da oração Ave Maria à chamada Geração Z, composta por jovens que cresceram em um mundo cada vez mais digital e integram grande parcela dos usuários mais ativos de redes sociais em geral, utilizando a modalidade de censura através de números e/ou caracteres especiais. Já o segundo usuário, @horsegirl.bsky.social, reformulou a piada utilizando a forma do afixo “des-” somada ao verbo no infinitivo “viver”. A questão principal trabalhada na anedota é a normalização da escrita para burlar a perseguição algorítmica, que, de tão corriqueira, já está se entranhando no léxico das pessoas que utilizam tais plataformas digitais diariamente.

Não é incomum navegar nas redes sociais e encontrar relatos de pessoas que foram suspensas ou banidas das plataformas por terem utilizado as palavras consideradas nocivas em conversas com outras pessoas, inclusive seus próprios amigos íntimos. Um perfil relata sobre as regras do Bluesky, afirmando que ofensas são proibidas e podem acarretar em banimento permanente da plataforma. Um outro usuário então cita a postagem relatando que um amigo foi banido da plataforma Twitter ao dizer que iria tirar a própria vida — possivelmente em tom humorístico, visto que é amplamente utilizado nestas plataformas online um tipo de humor mais sombrio e niilista.

É possível inferir pelo contexto que o amigo citado tenha utilizado a expressão “vou me matar” ou algo muito semelhante, posteriormente detectada pelo algoritmo, e a pessoa que relata a história utiliza a construção “se desviver” como tentativa de não sofrer a mesma penalidade imposta ao amigo.

Joyce Geber PEREIRA

O ato de penalizar usuários praticado pelas plataformas também é algo bastante criticado pelos usuários, visto que pode ser considerado uma espécie de repressão, uma vez que palavras também podem assumir sentidos diferentes a depender do contexto. Usuários do Bluesky conversam sobre uma modalidade de penalidade chamada shadowban, que consiste em reduzir e limitar o alcance do conteúdo produzido pelo usuário, acarretando no não aparecimento das postagens feitas pelo usuário e causando a impressão de que a pessoa está banida da plataforma. É uma punição temporária, porém afeta bastante a experiência do usuário na rede e pode causar danos principalmente às pessoas que utilizam as redes sociais como fonte de renda e, portanto, dependem do alcance do seu conteúdo ao máximo possível de pessoas. A penalidade foi aplicada ao usuário @hqsemroteiro.bsky.social na plataforma de vídeos TikTok, mas também é possível sofrer esta mesma punição em outras redes sociais, dado que as plataformas digitais dispõem de diretrizes e penalidades muito parecidas entre elas.

Um dos usuários discorre sobre os possíveis sentidos que uma mesma palavra pode assumir, corroborando com a noção estabelecida pela linguística cognitiva sobre o significado ser orientado pelo contexto. A pessoa também critica a censura feita, demonstrando insatisfação. Em seguida, o usuário expressa a recusa em utilizar o termo “desviver” como requisito para não sofrer censura por parte do algoritmo. Dessa maneira, o diálogo reforça a ideia de que utilizar o afixo “des-” para criar novas estruturas lexicais é uma escolha consciente por parte do interlocutor e pode ter várias motivações, uma delas sendo burlar a censura algorítmica imposta por parte das plataformas. Ademais, reforça que há influência de fatores externos à língua que levam ao aparecimento de novos usos, como, nesse caso, regras e proibições criadas pelas plataformas.

5.3 O anglicismo “un-”

Muitas palavras utilizadas na comunicação entre pessoas brasileiras atualmente são resultados de empréstimos linguísticos, frequentemente advindos da língua inglesa. Palavras como Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, Bluesky, game, wi-fi, hashtag, link, e-mail, dentre várias outras que já se tornaram corriqueiras na fala, foram importadas do inglês como consequência direta das invenções contemporâneas e também da difusão global da cultura anglófona. Oliveira (2018, p. 41) afirma que “Na era pós-moderna, a língua que se projeta mundialmente com muita força é a língua inglesa”. Um número considerável de brasileiros com acesso às redes sociais como o Bluesky e Twitter também é falante do inglês como segunda língua, ou, em muitos casos, compreende ao menos o básico do idioma. Além disso, nas plataformas virtuais é muito fácil ter contato com postagens que utilizam a língua inglesa e interagir com pessoas que são falantes da língua. Esse tipo de contato constante no território virtual gera novos empréstimos e possibilidades de uso linguístico até então inéditas.

A palavra “desquerido(a)” é mais uma da lista de criações que vêm sendo utilizadas com certa frequência nos últimos anos nos ambientes digitais. Em uma postagem que data de 16 de julho de 2025, o usuário relaciona o uso do afixo “des-” como tradução direta e abasileirada do afixo “un-” da língua inglesa. No entanto, a formação que utiliza o prefixo “des-” somado ao substantivo e adjetivo “querido(a)” já tinha usos registrados antes dessa postagem, podendo ser encontrada em dicionários online e no VOLP. No contexto da publicação, o usuário compartilhou no Bluesky uma captura de tela advinda das redes sociais do Governo Federal Brasileiro, @govbr no Instagram, contendo os dizeres “o pix é nosso, my friend!”. Na ocasião, o governo postou a imagem como uma resposta às ameaças do

O uso do prefixo *des-* nas redes sociais: a força criativa dos neologismos

presidente estadunidense Donald Trump ao sistema de pagamentos digital brasileiro chamado Pix.

O perfil do governo traduziu um dos bordões do presidente Lula, “meu amigo”, para “my friend”, por tratar-se de uma resposta a uma pessoa estadunidense. Por ser uma postagem que nas entrelinhas faz referência ao Trump, o usuário do Bluesky utilizou a palavra “unwanted” para adjetivar o substantivo “friend” e demonstrar sua insatisfação perante o líder imperialista. O usuário afirma que a palavra “unwanted” teria como tradução “indesejado” no português.

No entanto, essa escolha lexical não traduziria o sentimento que o usuário gostaria de passar. Logo, escolheu de maneira consciente utilizar a criação “desquerido” com teor humorístico. Ambos exemplos de uso citados (“desfeliz” e “desquerido” aplicados aos respectivos contextos frente às formas “infeliz” e “indesejado”) corroboram também com a ideia defendida por Bechara (2009, p. 368) de que o prefixo “in-” no português ganhou cortesia e polidez em contraponto ao “des-”, que tem uso mais popular — logo, tornou-se mais informal e cômico.

Com isso, observa-se que algumas pessoas de fato escolhem utilizar o prefixo “des-” como tradução direta do afixo “un-” presente na língua inglesa em contextos informais de fala para fins humorísticos. No entanto, não é possível afirmar que todos os usos modernos estão relacionados a um empréstimo linguístico, uma vez que o afixo “des-” se faz presente e tem seu uso consolidado na língua portuguesa há bastante tempo, antes mesmo do advento das tecnologias modernas aqui trabalhadas. É importante destacar que, embora as estruturas formais da linguagem sejam limitadas, a língua é uma entidade viva em constante transformação e, assim sendo, novas estruturas e usos inéditos continuarão surgindo, bem como a aplicação de novos sentidos a construções já existentes. Conforme afirma Lilian Ferrari:

É necessário reconhecer, portanto, que sempre haverá dimensões do significado que escapam à formalização: enquanto o sentido é contínuo, inesgotável e infinitamente variável, as estruturas formais da linguagem, embora representem um enorme salto evolutivo em termos da espécie humana (Fauconnier e Turner, 2002), são limitadas, discretas e com possibilidades finitas de variação. (Ferrari, 2011, p. 159)

Dessa forma, é fundamental continuar pesquisando os novos usos da língua que surgem como maneira de enriquecer os estudos linguísticos e o entendimento do funcionamento de uma língua tendo como ponto de partida os usos práticos da vida real, além de acompanhar as transformações do idioma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do estudo foi identificar os usos recentes do prefixo “des-” no ambiente digital, delimitando como base a rede social Bluesky, seja por meio de novas palavras criadas com a adição da partícula ou pela atribuição de novos sentidos a palavras já dicionarizadas. Além disso, buscou-se comprovar quais são as intenções comunicativas por trás das novas criações, analisar a possibilidade de interferência de fatores externos à língua e, por último, averiguar se há relação entre o uso do prefixo “des-” com a importação do prefixo inglês “un-”.

Joyce Geber PEREIRA

Para a análise, foram discutidas as visões das gramáticas tradicionais sobre o prefixo “des-”, que se demonstraram insuficientes devido a não conseguirem explicar os usos contemporâneos do afixo, principalmente no que diz respeito às construções que envolvem ações irreversíveis como, por exemplo, “desler” e “desver”. Dessa forma, levou-se em consideração a linguística cognitiva sob o ponto de vista de Ferrari (2011) para analisar e inferir sentidos aos usos detectados, observando fatores como o contexto linguístico e social e a perspectiva do discurso.

Conclui-se que os usos estão motivados por intenções humorísticas, como no caso da criação “despeitado(a)” frente à forma coloquial dicionarizada “despeitado(a)”, inspirada em um meme popular que circula na plataforma. Foi também observada a polissemia do prefixo “des-” aplicada ao caso de “descomer”, em que três principais sentidos foram identificados: defecar, vomitar e reverter uma relação sexual. Na maioria dos casos foram identificadas intenções humorísticas, mas em uma das situações de uso foi identificado o desejo de eufemizar o discurso.

Foi estabelecida também a conexão entre o uso do prefixo “des-” e a censura feita por algoritmos imposta pelas plataformas, em que certos termos são proibidos por serem considerados nocivos, de maneira que os falantes encontram novas formas de utilizar os termos sem sofrer penalidades — como, por exemplo, utilizar a construção “desviver” em vez de “morrer”, suavizando o discurso e reduzindo a possibilidade de ter a sua conta banida. Além disso, foi apresentado também um debate entre dois usuários manifestando-se contra esse tipo de censura e demonstrando recusa em utilizar essas construções que suavizam o discurso, apresentando argumentos que foram de encontro ao que defende a LC quando afirma que o sentido de um termo é definido pelo contexto, logo, uma palavra não pode ser analisada de maneira solta e tampouco ter seu uso proibido. A recusa em usar os termos confirma que a utilização de construções com “des-” é uma escolha consciente do falante.

A análise conclui também que a censura praticada pelas plataformas é um fator externo à língua que exerce influência na formação de novas construções no mundo digital. Ademais, foi observado, através dos exemplos coletados, que de fato ocorre uma interferência da língua inglesa através do prefixo “un-” em alguns casos, como resultado de o inglês ser uma língua projetada com muita força também no ambiente digital, e seu uso pode ser associado a uma criação de situação humorística. Foram citadas as construções “desfeliz” frente à “infeliz” para representar a palavra unhappy, e “desquerido” frente à “indesejado” para representar unwanted em um contexto de fala envolvendo um homem. Assim como Chico Buarque teve a genialidade de inventar o “desinventar”, a população brasileira cada dia mais exercita sua capacidade criativa de inventar e reinventar a língua.

O uso do prefixo *des-* nas redes sociais: a força criativa dos neologismos

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandy Tavares de; AZEVEDO, Ana Claudia Oliveira; PEREIRA, Marcia Helena de Melo. *Variação linguística em um perfil institucional do Twitter: (in)adequação à situação sociocomunicativa?* XIII Colóquio Nacional - VI Colóquio Internacional do Museu Pedagógico. Salvador: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), 2019. Disponível em: <<https://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/9146/8814>>
- AZEVEDO, Ana Claudia Oliveira; PEREIRA, Márcia Helena de Melo; AYRES, Dayana Junqueira. *O tweet como um gênero discursivo digital materializado no suporte Twitter*. In: Revista Philologus, Ano 27, n. 79 Supl., p. 1132-1140. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/issue/view/2>>
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BRANCO, Irdes Melyna. *Anglicismos no português brasileiro: um estudo sociolinguístico em tweets do oeste catarinense*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos Chapecó, SC, 2021. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/5645/1/BRANCO.pdf>>
- CUNHA, Celso. & CINTRA, Lindley. *Gramática do português contemporâneo*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros Textuais: definição e textualidade*. In: BEZERRA, M. A.; DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R. (Orgs). *Gêneros Textuais & Ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- OLIVEIRA, Uéliton José de. *O uso de anglicismos no português brasileiro na era digital: políticas e práticas linguísticas*. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Vitória: UFES, 2018. Disponível em: <<https://dspace5.ufes.br/items/d3c24246-c21c-43f9-98c1-a23c2f42f415>>
- PEREIRA, Carlos Gustavo Camillo. *Polissemia do prefixo “des-” em substantivos de ação no Português Brasileiro: uma análise da língua em uso*. 2020. 91 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2020.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- SANTOS, Alice Pereira. *Origem e desenvolvimento dos prefixos de-e des-*. In: Filologia e Linguística. Portuguesa, São Paulo, v. 22, n. Esp., p. 167-187, 2020.
- SANTOS, Aline Nardes dos. & SOUZA, Diego Spader de. *Introdução à linguística*

Joyce Geber PEREIRA

cognitiva, de Lilian Ferrari: um guia prático para estudantes brasileiros. In: Revista Entrelinhas, vol. 7, n. 2, p. 311-317. Rio Grande do Sul: jul/dez 2013. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/6932>

SILVA, Mateus Costa da. *O papel da analogia na formação vocabular: um breve estudo de casos de desver e desler no português do Brasil.* Rio de Janeiro: Trabalho apresentado ao Professor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves, no curso Diacronia Morfossintática e Lexical do Português, 2023.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida.* Rio de Janeiro: Agir, 1980.

WEINREICH, Uriel.; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.* Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

THE USE OF THE PREFIX "DES-" IN SOCIAL NETWORKS: THE CREATIVE POWER OF NEOLOGISMS

ABSTRACT: *This research aims to conduct a quantitative and qualitative analysis of the prefix "des-" used with nouns, adjectives, and verbs, focusing on its use in virtual environments known as social networks, mainly on the short-text platform Bluesky. New words are emerging through prefixal derivation, such as the neologism "desonline," and new meanings are being added to already dictionary-defined words, as in the case of the word "descomer" (to un-eat). The contexts of use will be observed, considering discursive factors, in order to determine if there is a humorous intention in the use of certain constructions. The interest in the topic arose from the observation of phenomena in social networks and the need to map the use of writing in virtual environments and provide more data on the subject. We will discuss the socio-pragmatic factors, based on the virtual territory, that influence lexical choices and stimulate the formation of new words. We also intend to analyze whether there is a correlation between the use of the affix "des-" as a direct translation of the prefix "un-", derived from the English language.*

KEYWORDS: *Cognitive Linguistics; prefix "des-"; social networks.*